

Audiência Pública: “Tortura e encarceramento femininos”

Objetivos e participantes

A audiência teve como objetivo discutir a tortura feminina no sistema carcerário.

Participaram da audiência:

- A defensora pública federal Nara de Souza Rivitti;
- A mestra em Direito e criminologia, Deise Benedito;
- Natalia Timerman, médica psiquiatra que trabalha no Centro Hospitalar do Sistema Penitenciário;
- Eliana Garnica, boliviana e egressa do sistema prisional;
- Karina Quintanilha, advogada e pesquisadora na área de migrações;
- A advogada Viviana Balbuglio.

Descrição Geral

A Defensoria Regional de Direitos Humanos (DRDH/SP) da Defensoria Pública da União (DPU) em São Paulo promoveu, no dia 11 de outubro de 2019, a décima edição do Ciclo de Debates sobre Gênero e Direitos Humanos, com a temática tortura e encarceramento feminino.

Com o intuito de discutir aspectos de gênero e direitos humanos, a Defensoria Regional de Direitos Humanos em São Paulo realiza ciclos de debates mensais acerca de temas de interesse da sociedade, visando ao fortalecimento das redes de atuação em defesa desses direitos.

Destaques

Deise Benedito trouxe um histórico da colonização brasileira, em que as primeiras mulheres presas foram as indígenas e, posteriormente, as mulheres africanas. Ela analisou esse fato com estudos que tratam raça e a criminalidade sendo complementares, contribuindo para a “criação de uma identidade criminosa”, relacionando aspectos físicos com a prática de delitos. Segundo a advogada, a tortura é vista no sistema carcerário como correção de conduta. Ela as dividiu em dois grupos: as torturas clássicas como agressão e estupro; e novas torturas tais como superlotação, água reduzida e alimentação regrada.

Natalia Timerman contou que os sintomas psiquiátricos pioram na prisão, com grandes chances de depressão, ansiedade e até desvio de personalidade nas mulheres em privação de liberdade. As principais causas, segundo ela, são o abandono familiar, a infraestrutura prisional e a violência. Na questão familiar, as mulheres recebem menos visitas que os homens.

Karina Quintanilha fez um panorama das políticas anti-imigrantes no Brasil desde a época da colonização até os dias atuais, falando sobre a dificuldade de conseguir dados sobre

imigrantes. De acordo com ela, apesar de o Brasil ser considerado um país acolhedor da imigração, 60% dos pedidos de refúgio são negados.